

Visões expressionistas: *flashes* do imaginário poético de Edvard Munch e Egon Schiele

ANSELMO PERES ALÓS

Docente do Programa de Pós Graduação (UFMS)
anselmoperesalos@gmail.com

Resumo: O presente artigo tem a intenção de discutir alguns dos pontos fundamentais no que diz respeito a dois dos mais importantes pintores expressionistas europeus: Edgar Munch e Egon Schiele. Simultaneamente, também são apresentadas algumas das principais características da estética expressionista em diálogo com o contexto histórico do movimento.

Palavras-chave: Edvard Munch; Egon Schiele; Expressionismo; História da Arte.

Abstract: This paper aims to discuss some of the fundamental points regarding two of the most important European Expressionist painters: Edvard Munch and Egon Schiele. Simultaneously, some of the main characteristics of the Expressionist aesthetic are also presented in dialogue with the movement's historical context.

Keywords: Edvard Munch; Egon Schiele; Expressionism; History of Art.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Ao longo do século XX, as vanguardas históricas representaram uma profunda ruptura com os modelos artísticos tradicionais, sinalizando um desejo intenso de experimentação, liberdade criativa e reflexão crítica diante das transformações políticas, sociais e tecnológicas que marcaram a modernidade. No campo das artes visuais, esse período foi caracterizado por um dinamismo sem precedentes, no qual artistas buscavam questionar as convenções acadêmicas e propor novos modos de ver e representar o mundo. Movimentos como o cubismo, o futurismo, o dadaísmo, o surrealismo, o construtivismo e o suprematismo, entre outros, partilhavam o impulso de redefinir a arte em resposta às rápidas mudanças trazidas pela urbanização, industrialização e choques das guerras mundiais. As vanguardas não apenas rejeitavam as regras formais e a mimese tradicional, como também apostavam em formas fragmentadas, em novas linguagens plásticas e no uso de materiais e suportes inusitados. Cada um desses movimentos trazia em si uma utopia estética e política: o cubismo, por exemplo, desafiava a perspectiva linear e propunha uma decomposição analítica das formas, enquanto o futurismo celebrava a velocidade, a máquina e o progresso tecnológico, refletindo uma adesão ao espírito do tempo moderno. Já o dadaísmo e o surrealismo, de maneira mais subversiva, investiam na crítica à racionalidade burguesa, ao militarismo e ao sentido tradicional da obra de arte, propondo a irrupção do acaso, do inconsciente e do onírico como forças criativas.

No ambiente das vanguardas, as linguagens artísticas dialogavam entre si e frequentemente se mesclavam às inquietações filosóficas e às propostas de renovação social. A arte deixava de se conceber como mero objeto de contemplação para se tornar um ato, um gesto ou um processo que poderia intervir no mundo. O construtivismo russo, por exemplo, alinhava-se às ideias revolucionárias e via na arte um instrumento de transformação coletiva, abolindo a distinção entre arte e vida cotidiana, enquanto o suprematismo, com Malevich, buscava a essência da forma pura na geometria e na abstração. O surrealismo, por sua vez, investia na exploração do inconsciente e da irracionalidade como fontes de criação, em um esforço por libertar o homem das amarras da moral burguesa e dos constrangimentos sociais. Tais vanguardas não se restringiam às artes plásticas, mas influenciavam igualmente o design, a arquitetura, o teatro e o cinema, compondo um amplo cenário de renovação estética e cultural (Guinsburg, 2002). Ao recusarem os cânones herdados do passado, essas correntes se vinculavam a um tempo histórico marcado pela crise dos valores tradicionais, pela ascensão dos movimentos revolucionários e pela busca de novos horizontes de sentido em um mundo cada vez mais fragmentado e complexo. A arte de vanguarda, nesse contexto, transformava-se em arena de debate, de experimentação e de confronto com a realidade.

Dentre os diversos movimentos de vanguarda que se impuseram no início do século XX, o expressionismo ocupa um lugar singular, sobretudo pelo modo como enfatizou a subjetividade, a emoção intensa e o drama existencial como elementos centrais da criação artística. Originado na Alemanha e em outros países do norte da Europa, o expressionismo se definiu não como um estilo homogêneo, mas como uma postura diante do mundo, marcada por uma profunda inquietação frente às contradições da modernidade. A pintura expressionista, em suas múltiplas vertentes, caracterizou-se pelo uso de cores intensas e violentas, contrastes acentuados, linhas distorcidas e formas carregadas de energia emocional. Artistas como Ernst Ludwig Kirchner, Emil Nolde, Wassily Kandinsky e Franz Marc buscavam dar visibilidade ao que chamavam de “verdade interior”, colocando na superfície do quadro o tumulto dos sentimentos humanos, a angústia, a solidão e o espanto diante de um mundo em rápida transformação. O expressionismo refletia, assim, tanto uma rebeldia estética quanto uma sensibilidade exacerbada frente às tensões políticas e sociais de seu tempo, tais como a miséria nas grandes cidades, a alienação do indivíduo, o avanço da industrialização e, posteriormente, os horrores da Primeira Guerra Mundial. No campo das artes visuais, o movimento contribuiu para ampliar as possibilidades expressivas da forma e da cor, antecipando muitos dos desdobramentos da arte abstrata e influenciando profundamente outros campos, como o cinema, a literatura e o teatro (Guinsburg, 2002). A sua força residia na recusa do naturalismo e na aposta em uma arte que não buscava representar o mundo exterior tal como ele é, mas como ele é vivido e sentido na interioridade do artista e do homem moderno. O expressionismo, nesse sentido, revelou-se como um dos momentos mais intensos e radicais da arte de vanguarda, ao dar voz às angústias e às esperanças de uma época profundamente marcada pela crise e pela busca de novos caminhos para a experiência estética e humana.

2 EXPRESSIONISMO: CONTEXTO E ORIGENS

O expressionismo europeu surgiu no início do século XX como uma poderosa corrente artística que buscava expressar emoções intensas e subjetivas, em contraste com a objetividade e a racionalidade que haviam dominado muitos movimentos anteriores. Esse movimento emergiu em um período de profundas transformações sociais, políticas e culturais, marcado pela industrialização, pela tensão anterior à Primeira Guerra Mundial e pela rápida urbanização das grandes capitais europeias. No contexto das artes visuais, o expressionismo tornou-se uma plataforma para artistas explorarem as angústias e os anseios humanos, frequentemente através de formas distorcidas, cores vibrantes e uma abordagem emocionalmente carregada. Artistas da Alemanha, Áustria e Noruega desempenharam papéis fundamentais na formação e consolidação do expressionismo, trazendo perspectivas únicas e inovadoras.

O termo *expressionismo* foi inicialmente cunhado em 1910 pelo crítico de arte alemão Wilhelm Worringer, como uma maneira de descrever obras que priorizavam a expressão subjetiva em detrimento da representação objetiva. Contudo, o movimento possui raízes mais profundas no final do século XIX, com a influência de artistas pós-impressionistas como Vincent van Gogh e Paul Gauguin, além do simbolismo e da arte primitiva. Esses precursores abriram caminho para a exploração de estados emocionais intensos e subjetivos por meio de técnicas inovadoras. Outras fontes afirmam que o termo *expressionismo* foi consagrado pelo pintor francês Julien-Auguste Hervé, que o utilizou para caracterizar uma série de quadros apresentados no *Salon des Indépendents* (cujo lema era “*sans jury ni récompense*”, isto é, “sem júri e sem premiação”) em 1901, em Paris (Cf. Crepaldi, 2002; De Micheli, 2008).

O expressionismo floresceu particularmente em países como a Alemanha, onde as tensões sociais e políticas eram mais acentuadas. Movimentos anteriores, como o impressionismo e o realismo, foram rejeitados por artistas expressionistas, que acreditavam que essas correntes não conseguiam captar a complexidade emocional e psicológica da modernidade. *Expressar* as visões interiores do artista, suas angústias, seus temores, seu imaginário pessoal, faziam-se muito mais importantes do que retratar as *impressões* da luz sobre as superfícies, gesto artístico que caracterizou a pintura impressionista, quase contemporânea do expressionismo, mas ligeiramente anterior, do ponto de vista da precedência histórica (Coelho, 1993).

O expressionismo europeu teve um impacto duradouro nas artes visuais, influenciando movimentos posteriores como o abstracionismo, o surrealismo e até mesmo o cinema, com obras como *O Gabinete do Dr. Caligari* (1920), de Robert Wiene, que traduzia as distorções visuais do expressionismo para a linguagem cinematográfica, bem como a extensa produção cinematográfica de Fritz Lang. Todavia, é a produção pictórica de Edvard Munch e Egon Schiele que constituem o *corpus* de artistas privilegiados no desenvolvimento deste trabalho. Os artistas expressionistas desafiaram convenções e abriram novos caminhos para a arte como uma expressão direta da psique humana. Em um período de incertezas, suas obras capturaram tanto os medos quanto as esperanças de uma sociedade em transformação, deixando um legado que ressoa até hoje na arte contemporânea.

A Alemanha foi o berço mais importante do expressionismo, com dois grandes grupos de artistas liderando o movimento: *Die Brücke* [A Ponte] e *Der Blaue Reiter* [O Cavaleiro Azul]. O grupo *Die Brücke* foi fundado em 1905, em Dresden, por artistas como Ernst Ludwig Kirchner, Erich Heckel, Karl Schmidt-Rottluff e Fritz Bleyl. Inspirados por Friedrich Nietzsche, eles escolheram o nome “A Ponte” como uma metáfora para a transição entre o velho e o novo, simbolizando a passagem para um futuro artístico mais autêntico e emocional. As obras do *Die Brücke* eram caracterizadas por cores fortes e contrastantes (inspiradas por Van Gogh e pela arte fauvista francesa) e pelas formas distorcidas, mobilizadas com o intuito de transmitir emoções intensas ao público espectador. O grupo também se caracterizava pela escolha de temas urbanos e modernos, muitas vezes explorando a alienação, a sexualidade e a vida na cidade. Ernst Ludwig Kirchner, um dos membros mais proeminentes, frequentemente representava a vida urbana de Berlim com um tom sombrio e inquietante (Guinsburg, 2002). Seu trabalho, como a tela *Rua de Berlim* (1913-1914), captura o caos emocional da metrópole moderna.



Ernst Ludwig Kirchner

Rua de Berlim

1913 - 1914

Óleo sobre tela

121cm x 95cm

Disponível em: <https://uploads6.wikiart.org/images/ernst-ludwig-kirchner/street-berlin.jpg!Large.jpg>

Rua de Berlim é uma das obras mais icônicas de Ernst Ludwig Kirchner, pintada entre 1913 e 1914, no auge de sua produção artística dentro do movimento expressionista alemão. A tela encapsula a energia frenética e a tensão psicológica da Berlim nas vésperas da Primeira Guerra Mundial, um período marcado pela rápida modernização

e profundas mudanças sociais. Kirchner buscava traduzir o espírito de sua época em formas distorcidas, cores vibrantes e composições inquietantes, características evidentes nessa obra. A pintura apresenta uma cena urbana dominada por figuras humanas estilizadas que caminham por uma rua repleta de dinamismo. As prostitutas, tema recorrente em suas obras, ocupam o centro da composição, com suas roupas elegantes e olhares enigmáticos, simbolizando tanto o glamour quanto a alienação da vida urbana moderna. Os ângulos agudos e as linhas oblíquas da arquitetura circundante parecem aprisionar as figuras, criando uma atmosfera de claustrofobia e tensão. A paleta de cores saturadas, composta por vermelhos, amarelos e verdes, intensifica o impacto emocional, sugerindo ao mesmo tempo vitalidade e desconforto.

Kirchner utiliza a perspectiva distorcida para subverter a sensação de ordem e estabilidade tradicionalmente associada à arte acadêmica. Em *Rua de Berlim*, as ruas e edifícios parecem inclinar-se em direções impossíveis, refletindo a ansiedade e o isolamento dos habitantes da metrópole. A obra não é apenas uma representação literal da cidade, mas uma interpretação subjetiva de sua energia avassaladora e de suas contradições. Ao retratar figuras humanas desumanizadas pela vida urbana, Kirchner convida o espectador a refletir sobre os efeitos da modernidade na identidade individual e na interação social. Essa pintura exemplifica como o expressionismo buscava capturar emoções internas e estados psicológicos por meio da distorção visual e da intensidade cromática. Mais do que uma representação da cidade, *Rua de Berlim* é um comentário sobre a experiência humana em um mundo em transformação, que continua a ressoar com espectadores contemporâneos.

O grupo *Der Blaue Reiter*, por sua vez, foi fundado em 1911, em Munique, por Wassily Kandinsky e Franz Marc, juntamente com artistas como August Macke e Gabriele Münter. Diferentemente do *Die Brücke*, o *Der Blaue Reiter* tinha uma abordagem mais espiritual e abstrata. Kandinsky, por exemplo, acreditava no poder das cores e das formas para evocar estados espirituais e transcendentais. Ele publicou em 1912 o livro **Do espiritual na arte**¹, um manifesto expressionista que buscava articular a conexão entre a arte e o espírito humano. As obras do *Der Blaue Reiter* geralmente apresentavam cores simbólicas e luminosas, associadas a emoções e estados de espírito. Também caracterizava o movimento uma abstração crescente com o avançar do tempo, o que pode ser visto, por exemplo, na obra de Kandinsky, que gradualmente abandonou a representação figurativa. O expressionismo na Alemanha também foi profundamente moldado pela atmosfera tensa do período que antecedeu a Primeira Guerra Mundial e, mais tarde, pela instabilidade da República de Weimar (Düchting, 2007). Artistas como George Grosz e Otto Dix, associados à vertente do expressionismo mais crítica, exploraram as desigualdades sociais e os horrores da guerra em suas obras.

3 O EXPRESSIONISMO NORUEGUÊS: EDVARD MUNCH

Embora a Noruega não tenha tido grupos formalizados como na Alemanha, o expressionismo encontrou seu maior expoente no país através de Edvard Munch.

¹KANDINSKY, Wassily. **Do espiritual na arte**. 12. ed. Trad. Maria Helena de Freitas. Prefácio e nota bibliográfica de António Rodrigues. Alfragide: Dom Quixote, 2019.

Considerado um precursor do movimento, Munch foi uma figura-chave para a estética expressionista. Edvard Munch antecipou muitos dos temas e estilos que viriam a definir o expressionismo. Suas obras exploravam a angústia existencial e a solidão (temas recorrentes em sua arte, como em *Ansiedade* (1894)), utilizando, como recurso pictórico, cores simbólicas e sombrias que reforçavam os estados emocionais das figuras representadas. No que diz respeito às suas composições, muitas delas lançavam mão do dinamismo e da distorção, criando um senso de instabilidade emocional. A influência de Munch foi sentida em toda a Europa, especialmente na Alemanha, onde seu trabalho foi amplamente exibido e admirado por artistas de movimentos expressionistas, tais como os já comentados *Die Brücke* e *Der Blaue Reiter*.

Nascido em 1863 e falecido em 1944, Edvard Munch foi um dos precursores do expressionismo europeu. Estudou na Escola de Artes e Ofícios de Oslo. Seu trabalho foi influenciado pelo trabalho pictórico de Gustave Courbet (um dos representantes fundamentais do realismo social), Édouard Manet (um dos nomes de maior relevo do impressionismo) e Henrik Ibsen (vulto fundamental para a constituição da literatura de caráter simbolista e modernista na Noruega). Em 1892, é convidado para expor em Berlim; inicia um projeto fundamental para sua poética autoral: a série *O friso da vida*.

A partir de 1896, passa a se interessar pela gravura, fazendo alguns avanços importantes no campo, em especial nas técnicas da xilogravura. A seleção da madeira e a exploração visual dos seus veios faziam parte de seu processo criativo. Ao fazer inúmeras provas em diferentes cores, realizou um trabalho raro para a época, e, mais do que qualquer outro artista de seu tempo, conseguiu retirar a xilogravura das suas restrições técnicas, resgatando-a como forma de expressão artística (Cf. Bischoff, 1997; Hodin, 1991).



Edvard Munch

Autorretrato

1895

Litogravura

45,8 cm x 31,4 cm

The Munch Museum (Oslo)

Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Edvard_Munch_-_Self-Portrait_\(1895\)_G0192-59_-_Google_Art_Project.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Edvard_Munch_-_Self-Portrait_(1895)_G0192-59_-_Google_Art_Project.jpg)

Na década de 1890, Munch dedicou-se a uma série ambiciosa de pinturas, que terminou por intitular como *O friso da vida*. Esse friso foi concebido como uma série de imagens livremente adjacentes, o que daria uma visão clara da vida e da situação do homem moderno. Os três principais temas de *O friso da vida* são o amor, a ansiedade e a morte. A série inclui esboços, pinturas, desenhos e gravuras. Munch não gostava de separar suas pinturas dos desenhos e gravuras porque ele pensava em seu trabalho como um único corpo de expressão. Para capitalizar sua produção e obter alguma renda, ele se voltou para artes gráficas, reproduzindo muitas de suas pinturas mais famosas, lançando mão de técnicas de gravura.

A dança da vida (1899-1900), de Edvard Munch, é uma obra emblemática que reflete os temas centrais da trajetória artística do pintor norueguês: amor, morte, angústia e passagem inexorável do tempo. Parte do ciclo *O friso da vida*, esta pintura combina simbolismo e subjetividade para criar uma narrativa visual carregada de introspecção e intensidade. A cena é ambientada em um baile à luz do luar, com figuras dançando em uma paisagem noturna à beira de um fiorde. No centro, um casal está em uma dança íntima, simbolizando o auge da paixão amorosa. A mulher, vestida de vermelho, representa a vitalidade do desejo, enquanto o homem, em tons escuros, parece perdido em um torpor melancólico, sugerindo uma inevitável transitoriedade. Em contraste, duas figuras femininas em primeiro plano estabelecem as polaridades da existência: à esquerda, uma mulher de vestido branco simboliza a inocência da juventude e o despertar para o amor; à direita, uma mulher de negro personifica a morte ou o fim de um ciclo, com seu olhar introspectivo e postura afastada do restante das figuras.

Edvard Munch utiliza a dança como metáfora para o fluxo da vida, em que os momentos de felicidade e conexão são efêmeros. A repetição circular dos pares dançando reforça a ideia de um ciclo contínuo, enquanto a ambientação noturna, com uma lua cheia refletida na água, evoca uma atmosfera de sonho e melancolia. A paleta de cores, dominada por tons sombrios entremeados por toques vibrantes de vermelho e branco, amplifica a tensão emocional da cena. A dança não é meramente celebratória; ela também é um lembrete da inevitabilidade da perda e da passagem do tempo. *A dança da vida* revela o domínio de Munch em entrelaçar narrativa e emoção em sua arte. Ele recorre ao simbolismo para transcender a realidade visível e mergulhar nos aspectos universais da condição humana. Para Munch, o amor nunca é separado da dor, e a vida, com todas as suas promessas, é inseparável da mortalidade. Essa visão dualista confere à pintura um caráter profundamente psicológico, que ressoa com espectadores de todas as épocas.



Edvard Munch

A dança da vida

1899-1900

Óleo sobre tela

129 cm x 191 cm

The National Gallery (Oslo)

Disponível em:

<https://www.arteeblog.com/2016/01/edvard-munch-o-friso-da-vida-um-poema.html>



Edvard Munch

Separação

1896

Óleo sobre tela

96 cm x 127 cm

The Munch Museum (Oslo)

Disponível em:

<https://www.arteeblog.com/2016/01/edvard-munch-o-friso-da-vida-um-poema.html>

Separação, óleo sobre tela de 1896 (que também faz parte da série *O friso da vida*), é uma obra que encapsula a dor emocional e a sensação de perda associadas ao término de um relacionamento. Nesta pintura, Munch utiliza elementos simbólicos, cores evocativas e uma composição dinâmica para transmitir a intensidade de uma ruptura emocional, oferecendo ao observador uma janela para a complexidade das emoções humanas.

A cena retratada na composição de *Separação* traz dois personagens em uma paisagem natural, mas que está longe de ser idílica. No lado esquerdo, um homem curvado, vestido em tons escuros, parece consumido pela melancolia. Seu rosto está inclinado para baixo, simbolizando o peso da perda, enquanto seus braços se alongam, quase em um gesto de desespero ou resignação. À direita, uma figura feminina, vestida de branco e com cabelos longos e dourados, caminha em direção à distância, como se fosse um espectro ou uma lembrança que escapa. Seu cabelo flui como uma extensão simbólica, conectando-a ao homem, enquanto simultaneamente se distancia dele. Essa conexão visual reforça o vínculo emocional que, embora rompido, ainda persiste como uma dor crônica para aquele que foi deixado para trás. A paisagem ao fundo, caracterizada por tons verdes e dourados, cria uma atmosfera introspectiva e nostálgica, refletindo a relação conflituosa entre a serenidade da natureza e a turbulência emocional das figuras humanas. O uso do espaço na pintura é altamente simbólico: o vazio entre os dois personagens reforça a ideia de separação emocional, enquanto as cores contrastantes — o branco da figura feminina e os tons sombrios que envolvem o homem — destacam a polaridade entre a liberdade e a dor. A figura feminina parece etérea, quase irreal, representando talvez uma lembrança idealizada ou um amor perdido que nunca pode ser plenamente recuperado.

Edvard Munch utiliza cores e formas para explorar o impacto psicológico da separação. O branco da mulher não é apenas a cor da pureza, mas também da distância emocional, enquanto o preto e os tons escuros que envolvem o homem refletem a depressão e o luto interior. Essa combinação de elementos visuais cria uma sensação de tensão emocional que é simultaneamente universal e pessoal, permitindo que o espectador se identifique com os sentimentos retratados. *Separação* é mais do que uma pintura sobre o término de um relacionamento; é uma reflexão sobre a fragilidade e a impermanência das conexões humanas. Com sua abordagem simbólica e profundamente emocional, Munch oferece uma visão crua e honesta da dor que acompanha o rompimento de laços afetivos. A obra captura a essência do expressionismo: o uso da arte para externalizar as emoções internas de forma que transcenda o literal, criando uma experiência visceral para o espectador. Ao olhar para *Separação*, o espectador/observador é confrontado não apenas com a dor da perda amorosa, mas também com a inevitável transitoriedade dos laços humanos, tornando a pintura uma meditação atemporal sobre a condição humana.

Ansiedade (1894) é outra obra emblemática do expressionismo de Munch, na qual o artista norueguês canaliza o desconforto psicológico e a alienação que permeiam a experiência humana moderna. *Ansiedade* compartilha afinidades temáticas e estilísticas com sua obra mais famosa, *O grito* (mais adiante, falar-se-á de pelo menos cinco versões desta outra importante obra de Munch). Em *Ansiedade*, porém, o foco está menos no grito primordial e mais na sensação coletiva de inquietação, apresentando um grupo de figuras humanas imersas em uma atmosfera de desconforto existencial.



Edvard Munch

Ansiedade

1894

Óleo sobre tela

94 cm x 74 cm

The Munch Museum (Oslo)

Disponível em:

https://blogger.googleusercontent.com/img/b/R29vZ2xl/AVvXsEgi2Nk9gSYvn_xwSvUxs06URbHNM-Wc46I7CZpaUs5oou4pgOEK0LS_u5oXY5BtNfS3M-SBSw9pPRp1zyBP_ypoYL1Svbjl2XAUrqzPEQC45DbrryWwHpJyIVgsbImy3leG7de4-lo85F3F/s1600/Edvard+Munch+-+Anxiety.jpg

A composição da obra é dominada por uma fileira de pessoas que caminham em direção ao espectador, ocupando a maior parte do espaço. Seus rostos são máscaras de desespero, marcados por expressões rígidas e olhares vazios que evocam medo e alienação. Essas figuras, embora fisicamente próximas umas das outras, parecem emocionalmente desconectadas, simbolizando a solidão em meio à multidão. No centro da composição, destaca-se uma mulher de chapéu preto com olhos arregalados, cujo semblante expressa uma tensão psicológica que reverbera por toda a cena. As outras figuras, com tons de pele pálidos e contrastantes, parecem compartilhar dessa angústia coletiva, criando uma sensação de peso emocional que transcende o individual. O cenário em que essas figuras estão inseridas é igualmente carregado de simbolismo. Ao fundo, um céu ardente, em tons de vermelho e laranja, parece consumir a paisagem, refletindo a intensidade emocional da cena e criando uma atmosfera apocalíptica. As águas escuras do fiorde e a ponte sinuosa, elementos recorrentes na obra de Munch, intensificam a sensação de desorientação e incerteza. A linha do horizonte e a composição curvilínea guiam o olhar do espectador, reforçando a impressão de um mundo em colapso, onde a paisagem externa reflete o caos interior das figuras.

A paleta de cores vibrantes e contrastantes de *Ansiedade* amplifica seu impacto emocional. Munch utiliza tons de vermelho para simbolizar a tensão e o perigo iminente, enquanto os rostos pálidos e desumanizados das figuras sugerem a perda de vitalidade e a alienação da vida moderna. A interação entre o cenário natural e as figuras humanas cria um diálogo visual que transcende a narrativa literal, oferecendo uma interpretação subjetiva da experiência de ansiedade que, embora enraizada no contexto da época, permanece atemporal. *Ansiedade* é uma obra que pode ser descrita como uma representação da condição humana em sua luta contra o desconforto emocional e a fragilidade existencial. Edvard Munch transforma uma experiência universal em uma linguagem visual poderosa, permitindo que o espectador não apenas veja, mas sinta a tensão psicológica expressa na obra.

O grito, de 1893, é provavelmente o quadro mais conhecido de Munch. O curioso, e não tão conhecido pelo público mais amplo, é o fato de que Munch produziu várias versões de *O grito*. As várias interpretações mostram a criatividade do artista e seu interesse em experimentar as possibilidades a serem obtidas em uma variedade de mídias, enquanto o tema da obra se encaixa no interesse de Munch por sentimentos sombrios (angústia, ansiedade, loucura). Detenhamo-nos um pouco mais sobre as cinco imagens que compõem a série².

²As cinco imagens a seguir, relativas à série **O grito**, foram todas extraídas do *website* Arte e Blog. Muitas das observações sobre o significado atribuído às escolhas cromáticas de Edvard Munch também foram tomadas deste *website*. Disponível em: <https://www.arteeblog.com/2017/10/analise-de-scream-o-grito-de-edvard.html>.



Edvard Munch

O grito

1893a

Óleo, têmpera e *crayon* sobre papelão

91 cm x 73,5 cm

The National Gallery (Oslo)



Edvard Munch

O grito

1893b

Crayon sobre papelão

74 cm x 56 cm

The Munch Museum (Oslo)

No quadro que aqui identificamos como 1893a (assim como nas outras quatro obras da série), é possível ver a referência ao fiorde de Kristiania, espaço geográfico no qual Munch supostamente teria se inspirado para a construção da composição de *O grito* (Hodin, 1991). Embora haja espaço para especular-se se há uma certa androginia na composição central do quadro, é quase ponto pacífico atribuir-se à figura calva, com as mãos nos ouvidos e boca aberta, o gênero masculino. O contraponto entre a composição e o título das obras que compõe *O grito* (poderíamos pensar em uma microssérie subsumida no interior da série “O friso da vida”) leva o observador a questões inquietantes: a figura central é quem grita? Ou seria esta pessoa alguém que ouve um grito alheio? O grito de uma outra pessoa? O grito da natureza? O grito existencialista do absurdo da existência humana? Ou seria, ainda, o grito aprisionado no eu interior, que ecoa e ensurdece apenas a própria pessoa, solitária e desesperada no centro da composição? Tais perguntas fazem mais sentido quando lembramos das influências simbolistas e modernistas da literatura de Henrik Ibsen sobre Munch.

Muito possivelmente o quadro de *crayon* sobre papelão, também datado de 1893 (e que, para fins de distinção, passaremos a datar como 1893b) seja a versão mais antiga, provavelmente um estudo no qual Munch traçou os fundamentos da composição (hipótese plausível quando se guarda em mente os materiais menos nobres utilizados nesta versão). Nela, podemos observar a expressividade do traço; a ausência do(s) barco(s) (que já aparecem sobre o corpo de água na versão 1893a), e a utilização de materiais pouco nobres. A imagem é construída com veladuras suaves de *crayon*, com poucas sobreposições mais pesadas. Nota-se também o jogo composicional criado com uma linha diagonal que praticamente divide o espaço, e as linhas curvas que dominam a parte superior a esta mesma diagonal.



Edvard Munch
O grito
1895
Crayon sobre papelão
74 cm x 56 cm
Coleção particular (sem maiores informações)



Edvard Munch
O grito
1910
Têmpera sobre papelão
83 cm x 66 cm
The Munch Museum (Oslo)

Na versão de 1895, é difícil distinguir se há a presença de um ou de dois barcos, enquanto na versão que – por ser a mais tardia – tomaremos como “definitiva”, é nítida a presença de dois barcos sobre o corpo de água ao fundo da composição. A pessoa à direita (provavelmente um homem), no canto superior esquerdo da versão de 1895, encontra-se debruçado na mureta do fiorde, enquanto na versão de 1910, a mesma figura está de pé. A figura central da composição, finalmente, é ligeiramente mais esguia na versão de 1895 do que a da versão de 1910. A versão de 1910 foi roubada em 2004, porém recuperada em 2006. Nela, o lago e o fiorde fundem-se em um aglomerado de linhas curvas, adotando um tom mais expressionista que a versão em técnica mista, de 1893. Ainda na versão de 1910, o vilarejo reduz-se a uma mancha escura, pouco delineada.

Finalmente, com relação à versão litográfica de *O grito*, vale ressaltar que foram impressas cerca de 45 cópias, e que algumas delas foram coloridas à mão por Edvard Munch. Nota-se, na composição, a fusão das linhas que constituem o fiorde e o vilarejo. Os traços do rosto da figura central estão mais definidos e trabalhados do que nas outras versões aqui comentadas.



© Edvard Munch. 1895.

Edvard Munch

O grito

1895

Litografia

Dimensões não localizadas.

4 O EXPRESSIONISMO AUSTRIACO: EGON SCHIELE

Na Áustria, o expressionismo foi fortemente influenciado pelo movimento Secessão de Viena, liderado por artistas como Gustav Klimt, que antecipou o estilo emocional e subjetivo do expressionismo. No entanto, foi com Egon Schiele e Oskar Kokoschka que o expressionismo ganhou plena força no país. Egon Schiele (1890 - 1918) apresentava baixo desempenho escolar na infância, com bons resultados apenas em desenho, caligrafia e educação física. Inicia seus estudos na Escola de Artes Industriais

de Viena em 1906, e em 1907, transfere-se para a Escola de Belas Artes. Em 1907, conhece Gustav Klimt, que o torna seu protegido. Expõe na *KunstSchau* (em Viena, no ano de 1909) e, mais ou menos nessa época, toma contato com o trabalho de Edvard Munch e de Vincent Van Gogh. Schiele destacou-se por suas representações intensamente psicológicas e provocantes de figuras humanas (Selz, 1978). Suas obras frequentemente apresentavam linhas angulares e contorcidas, as quais conferiam um senso de inquietação e tensão a seus desenhos e suas pinturas. Também é característico na obra de Schiele a recorrência de temas tais como o erotismo e a mortalidade, de modo que se pode afirmar que o artista realiza uma pesquisa iconográfica para registrar os extremos da experiência humana. Também são característicos de Schiele os autorretratos íntimos e perturbadores, nos quais sua vulnerabilidade emocional é transmitida com brutal honestidade (Cf. Messer, 1985; Fischer, 1997).

Autorretrato com camisa listrada (1910) é uma das obras mais emblemáticas de Schiele e uma poderosa exploração da identidade e da vulnerabilidade humana. Pintado quando o artista tinha apenas 20 anos, o retrato reflete tanto sua habilidade técnica precoce quanto sua abordagem introspectiva e ousada da representação do eu. A obra é não apenas uma reprodução literal de sua aparência física, mas também um estudo psicológico que transcende o visível para revelar as camadas emocionais e existenciais do artista. Com linhas marcantes e uma paleta de cores sombrias, Schiele transforma o autorretrato em uma confissão visual, explorando questões de fragilidade, mortalidade e isolamento.



Egon Schiele

Autorretrato com camisa listrada

1910

Óleo e guache sobre tela

44 cm x 30,5 cm

Leopold Museum (Viena)

Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Egon_Schiele_075.jpg.

No retrato, Schiele aparece com uma postura torcida e um olhar intenso que se dirige diretamente ao observador, criando uma conexão desconcertante e íntima. Sua expressão é uma mistura de desafio e vulnerabilidade, refletindo a inquietação que permeava sua vida e sua arte. A camisa listrada que ele veste, um elemento aparentemente simples, é carregada de simbolismo: suas linhas verticais reforçam o dinamismo e a tensão da composição, enquanto as cores apagadas da roupa contrastam com os tons avermelhados de sua pele, destacando a intensidade emocional da obra. Os contornos exagerados e as proporções distorcidas de seu corpo revelam sua rejeição aos ideais clássicos de beleza e perfeição, alinhando-se com a estética expressionista que busca transmitir emoções cruas em vez de representações idealizadas.

A composição é minimalista, com fundo branco vazio que elimina qualquer distração e concentra toda a atenção no sujeito. Esse vazio ao redor do artista pode ser interpretado como uma metáfora para o isolamento e o vazio existencial que ele frequentemente explorava em suas obras. *Autorretrato com camisa listrada* encapsula a singularidade de Egon Schiele como artista: sua capacidade de transformar o autorretrato em uma experiência visceral e profundamente pessoal. Ao distorcer formas e abandonar convenções, ele não só captura sua própria essência emocional, mas também convida o espectador a confrontar suas próprias vulnerabilidades.

Autorretrato: masturbação, quadro pintado em 1911, exemplifica a abordagem radicalmente honesta e disruptiva de Schiele na arte do retrato e da representação do corpo humano. Schiele explora temas de intimidade, sexualidade e vulnerabilidade de uma maneira profundamente pessoal e provocativa. Longe de ser uma representação idealizada ou voyeurística, a pintura confronta o espectador com uma exposição crua e desafiadora do eu, desconstruindo tabus sociais e artísticos de sua época. O autorretrato, em sua essência, é não apenas um ato de autoexpressão, mas também uma exploração da própria identidade e da conexão entre o corpo e a psique.

Na pintura, Schiele retrata-se em uma pose distorcida e confrontadora, com o corpo inclinado em um movimento angular que quebra os cânones clássicos de simetria e harmonia. Ele utiliza uma paleta de cores limitada e marcante, composta por tons de pele desbotados e fundos monocromáticos, que intensificam a sensação de isolamento e introspecção. A ênfase nos contornos agudos e nas proporções exageradas de suas mãos e braços, elementos frequentes em sua obra, direciona a atenção para o ato em si, que é sugerido, mas não explicitamente mostrado. O rosto de Schiele, com seu olhar direto e desafiador, parece tanto convidar quanto repelir o espectador, criando uma tensão entre vulnerabilidade e resistência.

Autorretrato: masturbação transcende a representação literal para explorar os aspectos psicológicos e existenciais da sexualidade. Schiele não apresenta a masturbação como um ato de prazer, mas como uma expressão de introspecção e solidão. A composição despojada, com o corpo suspenso em um espaço vazio, simboliza a desconexão do indivíduo tanto com o mundo externo quanto consigo mesmo. Ao desafiar convenções sociais e artísticas, Schiele utiliza essa obra para questionar noções de moralidade, intimidade e o papel do corpo na arte. O resultado é uma pintura que não apenas reflete a complexidade de sua própria psique, mas também convida o espectador a confrontar sua relação com o desejo, o corpo e a vulnerabilidade.



Egon Schiele

Autorretrato: masturbação

1911

Grafite e aquarela sobre papel

47 cm x 31 cm

Albertina Museum (Viena)

Disponível em: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/d/d6/Egon_Schiele_073.jpg.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A arte expressionista continua a exercer uma influência profunda no mundo contemporâneo, tanto pela sua abordagem emocional e subjetiva quanto pelos temas universais que aborda. Essa corrente artística, caracterizada por distorções visuais, intensidade cromática e uma ênfase na expressão interior, nasceu como uma resposta à rápida modernização e às tensões sociais e políticas de sua época. Hoje, diante de desafios globais como alienação, crises identitárias e busca por autenticidade, a relevância do expressionismo permanece incontestável. Dois grandes representantes desse movimento, Egon Schiele e Edvard Munch, oferecem exemplos concretos de como a arte expressionista transcende o tempo ao explorar aspectos fundamentais da condição humana.

O expressionismo trouxe uma nova abordagem à arte, priorizando a subjetividade e as emoções sobre a representação literal ou objetiva do mundo. Essa

característica é especialmente pertinente no mundo contemporâneo, no qual as pessoas buscam formas autênticas de expressão em meio a um cenário saturado por imagens idealizadas e narrativas fabricadas, amplamente difundidas por redes sociais e mídias tradicionais. Egon Schiele, em particular, exemplifica essa busca pela autenticidade por meio de seus autorretratos, como *Autorretrato com camisa listrada* (1910) e *Autorretrato: masturbação* (1911). Em ambas as obras, Schiele rejeita o ideal de beleza convencional, preferindo apresentar sua figura em poses distorcidas e angulares, com um olhar cru e introspectivo. Essa abordagem desconfortável força o espectador a confrontar a humanidade vulnerável e imperfeita do artista — uma mensagem poderosa em um mundo que valoriza tanto a perfeição superficial. No contexto contemporâneo, a obra de Schiele pode ser lida como uma crítica premonitória à cultura do eu autocentrado em busca perpétua de validação pelos pares e pela audiência. Seus autorretratos não buscam aprovação, mas refletem uma necessidade urgente de autoanálise e de confrontar os próprios desejos, medos e imperfeições. Essa honestidade é profundamente relevante hoje, especialmente quando questões sobre saúde mental, autenticidade e isolamento emocional estão no centro de debates globais.

Edvard Munch, por sua vez, trouxe à tona os temas da angústia e da alienação de uma forma que ressoa poderosamente com as crises existenciais modernas. Obras como as diferentes versões de *O grito* (1893-1910) e *Ansiedade* (1894) são representações icônicas da angústia humana diante de um mundo em transformação. Em *Ansiedade*, por exemplo, a multidão de rostos vazios e desesperados caminhando sob um céu ardente encapsula o sentimento de desconexão que muitos experimentam hoje, mesmo em um mundo hiperconectado. O expressionismo de Munch traduz emoções complexas em formas visuais universais, permitindo que o espectador se reconheça na angústia coletiva ou individual representada na tela. Esse aspecto é particularmente relevante na era contemporânea, marcada por crises climáticas, desigualdades sociais e a sensação crescente de incerteza global. Munch oferece um lembrete de que a angústia é não apenas individual, mas também compartilhada, e que sua representação na arte pode criar um espaço para reflexão e empatia. Em um mundo que frequentemente evita confrontar o sofrimento, obras como as de Munch funcionam como um espelho, forçando a sociedade a reconhecer e lidar com as ansiedades coletivas.

Outro ponto que destaca a relevância do expressionismo é sua abordagem direta e muitas vezes desconfortável da sexualidade e da identidade. Egon Schiele foi pioneiro em retratar a sexualidade humana de forma desinibida, como em obras que exploram tanto o desejo quanto a solidão, frequentemente interligados. Seus desenhos e pinturas de figuras nuas, com contornos acentuados e gestos exagerados, oferecem uma visão nua e crua da intimidade e da fragilidade humanas. Essa abordagem se conecta profundamente com debates contemporâneos sobre liberdade sexual, representações do corpo e a desconstrução de normas de gênero e identidade. Enquanto isso, Munch também explorou o desejo e os conflitos emocionais em obras como *A dança da vida* (1899-1900), em que a paixão e a perda são inseparáveis. A complexidade emocional das relações humanas, representada por Munch e Schiele, ecoa nas discussões atuais sobre relacionamentos, saúde mental e as camadas emocionais que moldam nossas interações. Suas obras permanecem relevantes como representações visuais de dilemas que transcendem fronteiras temporais e culturais.

No mundo digital, em que imagens são produzidas e consumidas em uma escala sem precedentes, a arte expressionista destaca-se por sua capacidade de se opor ao superficial. Em um ambiente no qual filtros e edições ocultam imperfeições e fabricam narrativas, o expressionismo de Schiele e Munch nos lembra da importância de confrontar a realidade, mesmo que ela seja desconfortável. As linhas distorcidas, as expressões carregadas e os temas viscerais de suas obras contrastam diretamente com a estética muitas vezes higienizada do digital, proporcionando um antídoto para a alienação provocada por uma vida excessivamente mediada por telas. Além disso, a arte expressionista inspira artistas contemporâneos que utilizam tecnologias digitais para explorar emoções de maneira crua e inovadora. Elementos de distorção, intensidade emocional e subjetividade, características do expressionismo, podem ser encontrados em mídias digitais, *videogames* e até no *design* gráfico, mostrando como a linguagem visual desenvolvida por artistas como Schiele e Munch continua a influenciar novas formas de arte.

REFERÊNCIAS

A fonte das imagens das obras de arte comentadas ao longo deste ensaio são *websites* da internet, e estão todas indicadas juntamente com cada imagem. As referências abaixo foram consultadas integral ou parcialmente. Por vezes, obras cuja localização não foi possível (e que, por extensão, não foram consultadas para a redação do presente ensaio) foram também aqui elencadas, de modo a funcionar como um ponto de referência para futuros trabalhos a serem desenvolvidos sobre o expressionismo, sobre Edvard Munch e/ou sobre Egon Schiele.

BISCHOFF, Ulrich. **Edvard Munch**. Cologne: Taschen, 1997.

COELHO, Teixeira. **O que é expressionismo?** São Paulo: Brasiliense, 1993.

COMINI, Alessandra. **Egon Schiele**. London: Thames and Hudson, 1976.

CREPALDI, Gabriele. **Expresionistas**. Madrid: Electa, 2002.

DE MICHELI, Mario. **Las vanguardias artísticas del siglo XX**. Barcelona: Alianza Editorial, 2008.

DÜCHTING, Hajo. **Expressionismo**. São Paulo: Taschen, 2007.

FISCHER, Wolfgang G. **Egon Schiele**. Cologne: Taschen, 1997.

GOMBRICH, E. H. **A história da arte**. Rio de Janeiro: LTC, 2016.

GUINSBURG, J. **O expressionismo**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

RODIN, J. P. **Edvard Munch**. [S. l.]: World of Art, 1991.

KANDISNKY, Wassily. **Do espiritual na arte**. 12. ed. Trad. Maria Helena de Freitas. Prefácio e nota bibliográfica de António Rodrigues. Alfragide: Dom Quixote, 2019.

MESSER, Thomas M. **Edvard Munch**. New York: Harry N. Adams, 1985.

REINHARD, Steiner. **Egon Schiele**. São Paulo: Paisagem, 2006.

SELZ, Jean. **Edvard Munch**. Paris: Flammarion, 1978.

REFERÊNCIAS FÍLMICAS

EDVARD MUNCH. Filme de Peter Watkins. Legendas em espanhol. 1974. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=hD3sodQzDkQ&pp=ygULbXVuY2ggW92aWU%3D>.

EGON SCHIELE: a morte e a donzela. Filme de Dieter Bender. Alemão, legendas em inglês. Não localizado para download ou visualização online.

MUNCH. Filme de Henrik M. Dahlsbakken. Sem legendas. Dublado em espanhol. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=x9DpOrHFoNM>.

O GABINETE do Dr. Caligari. Filme de Robert Wiene. Alemão, legendas em português. 1920. Disponível em: <https://youtu.be/yQn1j34-f4A>.

PETER DOIG & Karl Ove Knausgård On Edvard Munch. Copyright: Louisiana Channel, Louisiana Museum of Modern Art, 2019. Palestras em vídeo disponibilizadas pelo Louisiana Museum of Art no YouTube. Em inglês, com legendas no idioma original. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kTONutxQ Tk8>.

PORTRAIT OF WALLY: The True Story Behind the Famous Looted Painting. Direção de Andrea Shea. 2012. Disponível em: <https://youtu.be/4-2TjjNNces>.